



**A HUMILHAÇÃO INTOLERANTE EM “TERÇA-FEIRA GORDA”, DE CAIO
FERNANDO ABREU**

Denis Pereira dos Reis Senna

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Resumo: Este artigo busca analisar o conto “Terça-Feira Gorda”, parte do livro *Morangos Mofados* (1982), de Caio Fernando Abreu, pelo viés temático da humilhação. A respeito da humilhação, em suas diferentes nuances, a perspectiva escolhida terá como ponto de partida o envolvimento homoerótico dos dois protagonistas. A humilhação será apresentada como movimento emocional que afeta pontos vulneráveis da afetividade, nesse caso coletiva, diante do envolvimento homoerótico transgressor de valores sociais, como o heterossexismo. Essa humilhação vivida desencadeia nos observadores que também são conservadores o comportamento discriminatório. Posteriormente objetiva-se discorrer sobre a execução do ato violento da homofobia em seu percurso pela raiva destrutiva dos agressores, servindo como produto direto da humilhação interna ao presenciar uma cena contrária a seus limites ideológicos heterossexistas durante a folia de carnaval, provocando uma resposta agressiva contra os protagonistas de tal envolvimento homoerótico do conto, ao ponto de realizar a tentativa de eliminá-los para reestabelecer o *status quo* admitido.

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu. Terça-Feira Gorda. Morangos Mofados. Humilhação. Homoerotismo.

***THE INTOLERANT HUMILIATION IN “TERÇA-FEIRA GORDA” BY CAIO
FERNANDO ABREU***

Abstract: This article search analyze the tale "Terça-Feira Gorda", part of the book *Morangos Mofados* (1982), by Caio Fernando Abreu, through the thematic bias of humiliation. About the humiliation, in its different nuances, the chosen perspective will have as starting point the homoerotic involvement of the two protagonists. The humiliation will be presented as an emotional movement which affects vulnerable points of the affectivity, collective in this case, in front of the homoerotic involvement

transgressor of social values such as the heterosexism. That lived humiliation triggers in the observers that are also conservatives, who pursue them the discriminative behavior. Posteriorly it is intended to discuss the execution of the violent act of homophobia in the course of the destructive rage that arose in the aggressors, a sentiment that serves as a direct product of internal humiliation when witnessing a scene that assaults its heterosexist ideological limits during the carnival revelry, provoking an aggressive response against the protagonists of such homoerotic involvement in the tale to the point of realizing an attempt to eliminate them and them restore the *status quo* admitted.

Keywords: Caio Fernando Abreu. Terça-Feira Gorda. Morangos Mofados. Humiliation. Homoeroticism.

Introdução

Caio Fernando Abreu (1948-1996) é um dos grandes nomes da literatura brasileira da segunda metade do século XX até os dias de hoje. Suas obras abordam diversas temáticas como a homoafetividade, a depressão, a repressão em tempos de ditadura, os preconceitos e tantas outras que poderiam ser consideradas problemáticas em seu contexto histórico-cultural. Podemos notar ainda, na escrita de Abreu, uma grande influência musical e de outras áreas artísticas que permeiam seus escritos. Caio Fernando Abreu tem um grande acervo de obras que não se delimita apenas a contos, gênero que será analisado neste trabalho; de sua autoria registramos crônicas, romances, novelas, poemas, literatura infantil, peças teatrais, cartas, crítica literária, etc.

Morangos Mofados, de 1982, é uma das obras mais conhecidas e amplamente elogiadas do falecido autor. O livro é dividido em duas partes: “O Mofo”, e “Os Morangos”. Os contos integrantes da primeira parte são: “Diálogo”, “Os sobreviventes”, “O dia em que Urano entrou em Escorpião”, “Pela passagem de uma grande dor”, “Além do ponto”, “Os Companheiros”, “Terça-Feira Gorda”, “Eu, tu, ele”, “Luz e sombra”; da segunda parte são: “Transformações”, “Sargento Garcia”, “Fotografias”, “Pera, uva ou maçã?”, “Natureza viva”, “Caixinha de música”, “O dia que Júpiter encontrou Saturno”, “Aqueles dois”.

A narrativa de “Terça-Feira Gorda”, conto que será aqui trabalhado, se passa na última noite de carnaval, daí o título do conto: a terça-feira gorda é aquela que antecede a quarta-feira de cinzas, logo se torna um dia de exageros, de diversão elevada ao seu grau máximo justamente por ser o dia de despedida da festividade.

O narrador protagonista nos introduz ao carnaval de forma direta, deixando explícita a atração entre os dois homens que trocam olhares e contatos físicos durante a folia: “Me olhava nos olhos quase sorrindo, uma ruga tensa entre as sobrancelhas, pedindo

confirmação. Confirmei, quase sorrindo também [...]” (ABREU, 2015, p. 73). E a consequente aproximação sexual de ambos, inebriados e alheios ao redor, se entrelaçando em uma troca envolvente de olhares, caracterizando a dança sensual da conquista:

Na minha frente, ficamos nos olhando. Eu também dançava agora, acompanhando o movimento dele [...] Ele encostou o peito suado no meu. Tínhamos pelos, os dois. Os pelos molhados se misturavam. Ele estendeu a mão aberta, passou no meu rosto [...] (ABREU, 2015, p. 74).

Ao mesmo tempo em que os protagonistas se entregam à conquista, aqueles que passam ao redor olham, zombam e riem. Os observadores, claramente incomodados pela manifestação de afeto entre aqueles dois homens, se tornam incômodos ao ponto de persegui-los e ofendê-los verbalmente, como nota-se no seguinte trecho: “Veados, a gente ainda ouviu, recebendo na cara o vento frio do mar.” (ABREU, 2015, p. 75).

Dessa forma, os amantes não veem outra opção a não ser se afastar e rumam à praia para que “[...] a água lavasse e levasse o suor e a areia e a purpurina dos nossos corpos.” (ABREU, 2015, p. 77). Entretanto, esse momento não dura muito porque logo em seguida o grupo violento e preconceituoso que os perseguia se aproxima rapidamente, não dando tempo o suficiente sequer para a defesa pessoal das personagens antes que fossem espancados. O protagonista consegue fugir, mas seu parceiro não tem a mesma sorte e morre brutalmente ali mesmo, na margem da praia.

Partindo da elucidação quanto a crítica social intrínseca do livro, o conto “Terça-Feira Gorda” vai funcionar como uma forma de denúncia à hipocrisia da sociedade brasileira, que prega a felicidade da diversidade, mas que ao mesmo tempo reafirma um modo de vida mascarado, no qual as relações afetivas e sexuais, quando deixam de se encaixar no molde socialmente aceito, são massacradas. Arnaldo Franco Júnior (2000, p. 91) tece um comentário acerca do título metafórico da primeira parte do livro, “O Mofo”

[...] remete não apenas à metáfora da sociedade em estado de putrefação mas também a um *status quo* que, caracterizando a vida no Brasil pelo exercício cotidiano de uma série de violências dissimuladas sob o mito do país tolerante e aberto à alteridade nos obriga a reconhecer o quanto nos falta para sermos uma sociedade democrática, pluralista, digna no que se refere ao respeito aos direitos humanos, sobretudo os direitos das chamadas ‘minorias’.

O conto é narrado pelo protagonista, com tom memorialístico e confessional, e a linguagem é extremamente poética e fluída. Não há identificação de outros personagens além do homem com quem o protagonista se envolve, tratado de ‘ele/dele’ e o grupo de homens conservadores que os ofendem, definidos pela marcação do plural, como nos

trechos: “Nos empurravam em volta [...], mas ai-ai repetiam empurrando” (ABREU, 2015, p. 75), “Mas vieram vindo, então, e eram muitos.” (ABREU, 2015, p. 77). A riqueza de metáforas é notável, como em outras produções de Caio, e neste conto servem para ressaltar a questão do local social do homem que se envolve fisicamente com outro homem mesmo não sendo necessariamente homossexual assumido, podendo ser considerado como apenas um envolvimento carnavalesco. Novamente citando Franco Junior: “O conto não apenas discute o lugar da homossexualidade na sociedade brasileira, mas também, e até mesmo principalmente, o lugar do desejo numa ordem repressiva mascarada.” (2000, p. 93). Então, percebemos que a manifestação do desejo, tão destacada no conto, suscita questões importantíssimas para o desenvolvimento deste trabalho, como o homoerotismo entre as personagens protagonistas e a humilhação causada nos observadores diante de tal envolvimento.

Arnaldo Franco Junior (2000) vai afirmar a ascensão desse espaço unicamente focado para a discussão da sexualidade nas relações sociais, surgido com o pós-modernismo no Brasil em meados de 1960 como “[...] uma literatura que transita entre a melancolia e a alegria, a deriva sexual e o temor à AIDS, solidão, ternura e busca de novos tipos de relações.” (p. 297). Caio Fernando Abreu é posteriormente citado pelo teórico para exemplificar o tipo de literatura homossexual intimista e memorialística que discorre, citando a obra do escritor gaúcho *Os Dragões não conhecem o paraíso* (1988). “Terça-Feira Gorda” é mais um dos textos de Caio Fernando Abreu que aborda viagens sentimentais e físicas ao mesmo tempo em que traz à tona questões sociais problemáticas com sutileza e precisão.

Homoerotismo x heterossexismo

A figura masculina heteronormativizada no conto de Caio Fernando é importante para abordar a questão do homoerotismo e sua desconstrução, visto que em “Terça-Feira Gorda” o próprio narrador-protagonista ressalta que tanto ele quanto o homem com quem se envolvia “[...] não parecia bicha nem nada: apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também.” (ABREU, 2015, p. 74). Assim, há uma negação do estereótipo “afeminado” por parte da personagem do conto ao mesmo tempo em que sua fala se mostra preconceituosa ao trazer essas figuras afeminadas com negatividade. A necessidade de a personagem ressaltar com certo desdém que tanto ele próprio quanto o outro homem com quem se envolvia eram, em

todos os aspectos, homens heteronormativos, serve apenas para realçar o pensamento conservador que permeia a narrativa. Em síntese o conto narra a experiência homoerótica de um homem durante uma noite de carnaval e suas consequências ante uma sociedade conservadora e heterossexista.

Kotlinski (2012) vai definir o heterossexismo como sendo:

[...] um pensamento segundo o qual todas as pessoas são heterossexuais. Um indivíduo ou grupo heterossexista não reconhece a possibilidade de existência legítima da homossexualidade, ou mesmo da bissexualidade. É a idéia de que a heterossexualidade é a orientação sexual "normal" e "natural", que comportamentos "não heterossexuais" são um "desvio" da regra social, uma anomalia.

Já o homoerotismo, em contrapartida, não tem nenhuma conexão com a questão da sexualidade, pois é guiado objetiva e basicamente pelo desejo físico entre duas pessoas do mesmo sexo; o fato de uma delas ou ambas serem homossexuais não exclui necessariamente o caráter homoerótico.

O homoerotismo [...], é um conceito abrangente que procura dar conta das diferentes formas de relacionamento erótico entre homens (e mulheres, claro), independentemente das configurações histórico-culturais que assumem e das percepções pessoais e sociais que geram, bem como da presença ou ausência de elementos genitais, emocionais ou identitários específicos. (BARCELLOS, 2006, p. 20).

No conto, esse caráter heterossexista é marcado fortemente pelos olhares daqueles que os observam a cada movimento e pelo grupo preconceituoso que os ofende, como no trecho: “Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta, olhavam.” (2015, p. 75). Esse comportamento discriminatório que visa desestabilizar os indivíduos é uma representação da negação socialmente estabelecida de qualquer outra manifestação sexual que escape ao padrão heteronormativo. Por heteronormatividade compreende-se a reprodução contínua e fixa de códigos e práticas heterossexuais como o casamento monogâmico pautado pela fidelidade conjugal, o amor romântico e a consequente construção de uma família.

O heteronormativismo das relações é o ponto contraditório mais gritante do conto exatamente por acontecer durante uma noite de Carnaval, evento em que a exaltação do corpo e o comportamento festivo se destacam nas interações interpessoais e são celebrados. O carnaval brasileiro é uma festividade que exalta o desarraigamento do preconceito e prega uma liberdade que não é vista no conto. Em “Terça-Feira Gorda”, “[...] era proibido ou perigoso não usar máscara [...]” (ABREU, 2015, p. 76), o carnaval assume então um caráter violento mascarado e a liberdade entre as relações sexuais se

torna uma ilusão amarga e passível até mesmo de punições por parte da sociedade conservadora, como o que acontece com os protagonistas que não se deixam enquadrar nos padrões heterossexistas impostos pela sociedade que os observava ditando modos de vida padronizados.

O carnaval, em Terça-feira Gorda, alegoriza a própria tessitura de violência sombria mesclada a explosões circunstanciais de euforia e aparente desregramento que caracterizam um modo brasileiro de ser 'alegre', irresponsável e brutal. (JÚNIOR, 2000, p. 92).

Em busca de paz as personagens ávidas por aproveitar do contato físico um do outro, encaminham-se para a praia e ali deitados na areia partem para um contato físico-sexual mais intenso, “A gente se afastou um pouco, só para ver melhor como eram bonitos nossos corpos nus de homens estendidos um ao lado do outro, iluminados pela fosforescência das ondas do mar. Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor. E brilhamos.” (ABREU, 2015, p. 77), e por pensarem estar a sós e longe do jugo discriminatório do grupo de pessoas hostis, tornam-se presas frágeis, expostos à violência. É ali mesmo, na margem, que o parceiro do protagonista é espancado até a morte quando o grupo se aproxima.

Com isso, sumariza-se a questão do heterossexismo como uma forma de barrar da sociedade tudo aquilo que não se encaixe nos moldes heteronormativos, mesmo que toda a narrativa do conto esteja amparada pela completa desconstrução do conservadorismo da sociedade através da exaltação do corpo e do envolvimento físico suscitado pelo Carnaval. No conto, o homoerotismo do carnaval se torna a fórmula do perigo, pois a liberdade da festa revela-se como uma verdade aparente, enganadora.

A humilhação intolerante

Devido ao caráter de diminuição do outro, a humilhação é geralmente atribuída a um indivíduo ou um grupo de indivíduos que sofrem verbal ou psicologicamente de alguma agressão que atinja sua moral; porém, para os fins argumentativos desta pesquisa, a humilhação será encarada de forma diferente: a questão será abordada a partir do agressor para com a vítima; em outras palavras, em “Terça-Feira Gorda” percebemos que o envolvimento homoerótico entre os dois homens causa no grupo conservador que os observa o sentimento de humilhação, a ponto de serem tomados por raiva, que é a condição desencadeadora da reação violenta.

O sentimento de humilhação surge como um movimento emocional doloroso que pode ser provocado por um incidente ou um acontecimento anódino, que afeta pontos vulneráveis da afetividade, ou, ao contrário, por um traumatismo cujos efeitos podem, posteriormente, se manifestar e desestabilizar o indivíduo. (ANSART-DOURLEN, 2005, p. 85).

A forma que o grupo violento escolhe por expressar seu preconceito é através de frases curtas e ofensivas, valendo-se de pronomes femininos ao se referirem a eles, expondo negativamente a imagem dos homens que ali se relacionam. “Ai-ai, alguém falou **em falsete**, olha **as loucas**, e foi embora. Em volta, olhavam.” (ABREU, 2015, p. 75, grifo meu). Ao agir de tal forma com os dois protagonistas, esse mesmo grupo de homens conservadores deixa transparecer que aquele envolvimento homoerótico-afetivo, que se desenrola diante da vista de todos, os afeta ao ponto de haver uma resposta ofensiva como forma de proteção à humilhação ideológica interna causada. Segundo Ansart-Dourlen (2005, p.85): “A humilhação é um rebaixamento moral que afeta o bem-estar psicológico e físico, atinge o amor-próprio e viola os princípios de respeito e de dignidade humana”. E por violar tais princípios de respeito esses indivíduos do conto encontram na violência impulsionada pela raiva da humilhação interna uma forma de restaurar o equilíbrio social que aquela manifestação perturbou.

Hein L. Bowless (2005) vai definir a raiva como uma reação à invasão, e para que tal sentimento aflore é necessário haver uma noção de territorialidade, podendo ela ser pessoal, imaginária, interna ou visual:

O cenário é composto por um ofensor, que causa raiva ao invadir o espaço que supostamente pertence à vítima, aproximando-se dela além de um limite que ela considera tolerável. Subtende-se que, para que a raiva se vá, é necessário que o transgressor se afaste **ou suma**. (BOWLES, 2005, p.129, grifo meu).

O ofensor, por essa ótica, é aquele que vai causar raiva ao invadir o espaço pessoal da vítima agindo de forma direta ou não, provocando assim uma reação de raiva na própria vítima por sentir-se pessoalmente ‘ofendida’, tendo seus limites transgredidos por esse ofensor. Nesse caso, usando-se da concepção de Bowles acerca da raiva, as vítimas que estão sendo ofendidas no conto seriam então aqueles homens que se deparam com a cena (esta que serve como ação transgressora) dos dois homens se beijando e se tocando, e este par homoafetivo se torna então o ofensor. Para que essa raiva se dissipe, como

considera o teórico, é necessária uma ação por parte da vítima, algo que iria trazer de volta o *status quo*: um afastamento do transgressor ou seu desaparecimento.

Nos empurravam em volta, tentei protegê-lo com meu corpo, mas ai-ai repetiam empurrando, olha as loucas, vamos embora daqui, ele disse. E fomos saindo colados pelo meio do salão, a purpurina da cara dele cintilando no meio dos gritos. (ABREU, 2015, p. 75).

Próximo ao final do conto pode-se notar que a violência passa da forma verbal para a forma física, e isso se dá, segundo Bowles (2005, p. 132), porque o sujeito tomado pela raiva, gerada por um sentimento de transgressão excede o limite tolerável da indiferença e isso afeta seu comportamento, podendo causar o descontrole das ações gerando condutas irracionais. Entretanto, isso não excluiria a intenção de ferir inata aos indivíduos. Como discorre Edgar S. Decca (2005, p. 105), as respostas pessoais à humilhação não devem ser vistas como emoção descontrolada, mas sim como conduta que exprime os papéis sociais determinados que os indivíduos estão prontos a desempenhar, e assim o humilhado torna-se agressor. O momento destinado à celebração da liberdade e da alegria torna-se agriçoce a partir do ponto em que essa liberdade é apenas aparente e que qualquer manifestação de afeto que não o heterossexual é violentamente rechaçado.

Mas vieram vindo, então, e eram muitos. Foge, gritei, estendendo o braço. Minha mão agarrou um espaço vazio. O pontapé nas costas fez com que me levantasse. Ele ficou no chão. Estavam todos em volta. Ai-ai, gritavam, olha as loucas. Olhando para baixo, vi os olhos dele muito abertos e sem nenhuma culpa entre as outras caras dos homens. A boca molhada afundando no meio duma massa escura, o brilho de um dente caído na areia. (ABREU, 2015, p. 78).

O rápido passeio pelas memórias do narrador-protagonista sobre essa noite de carnaval, inicialmente sensual e quente, mas que depois se torna aflitivo e doloroso, é a forma mais objetiva e poética de denunciar um comportamento nocivo da sociedade que o autor esteve inserido, representando um contexto sociocultural que não é fixo historicamente, mas torna-se atemporal visto que ainda em meados de 2019 há casos desumanos de assassinatos de pessoas em razão unicamente de suas orientações sexuais e seus parceiros homoafetivos. A problemática do limite interno que os agressores conservadores alimentam dentro de si ainda continua a mesma do período repressivo em que Caio, em 1982, escreveu “Terça-Feira Gorda”.

Conclusão

O objetivo deste artigo foi analisar o que impulsiona o comportamento homofóbico violento para com os protagonistas em “Terça-Feira Gorda”, com base na argumentativa teórica de que há um limite ideológico, o qual delimita o aceitável em relações físico-afetivas de indivíduos que compõem a sociedade. Quando esse limite é transgredido, constatamos um tipo de humilhação interna, que justifica então os atos de barbárie cometidos: tudo fora feito para trazer de volta o equilíbrio que a atitude dos “veados” abalou ao se envolverem fisicamente sem medo ou máscaras durante uma festividade brasileira onde a liberdade e o corpo são exaltados. A literatura como representação crítica da sociedade é imprescindível como forma de manifestação artística, mesmo que por vezes seja considerada fantasiosa; porém, há momentos nos quais apenas a fantasia consegue dar vazão à profundidade da realidade descrita. Ao denunciar a discriminação violenta para com uma classe marginalizada em específico no conto, usando-se de artifícios narrativos em que essa crítica torna-se secundária e o foco mantém-se na relação entre os amantes e seu envolvimento homoerótico, Caio Fernando Abreu envolve o leitor como em uma dança, enche-o de medo e em seguida ceifa suas esperanças, abandonando-o no solo da areia molhada de sangue, onde ocorre o assassinato de um dos homens, deixando sobre essa mancha uma reflexão quanto a natureza do que chamamos liberdade.

Referências

ABREU, Caio F. “Terça-Feira Gorda”. In: **Morangos Mofados**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 73-78.

_____. **Morangos Mofados**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 224 p.

ANSART-DOURLIN, Michele. Sentimento de humilhação e modos de defesa do eu: narcisismo, masoquismo, fanatismo. In: MARSON, Izabel; NAXARA, Márcia (org). **Sobre a Humilhação**: sentimentos, gestos, palavras. Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 85-101.

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006. 441 p.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O. (org.) **Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas**. 2ª ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005. 336 p.
BOWLES, Hein L. **Arqueologia da Raiva e do Entusiasmo: uma abordagem lexical**. Ponta Grossa: UEPG, 2005. 202 p.

BRANDILEONE, Ana P. F. N. Violência e Resistência em “Terça-Feira Gorda”, de Caio Fernando Abreu. **Caderno Seminal Digital**, n. 21, v. 21, p. 216-232, jan/jun. 2014.

DECCA, Edgar S. A Humilhação: ação ou sentimento? In: MARSON, Izabel; NAXARA, Márcia (org). **Sobre a Humilhação: sentimentos, gestos, palavras**. Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 105-117.

JÚNIOR, Arnaldo F. Intolerância Tropical: homossexualidade e violência em Terça-Feira Gorda, de Caio Fernando Abreu. In: **Expressão**, n. 1, Santa Maria: UFSM, 2000. p. 91-96.

KOTLINSKI, Kelly. **Diversidade Sexual - Uma breve introdução**. Coturno de Vênus, 2012.

LOPREATO, Christina S. R. O respeito de si mesmo: humilhação e insubmissão. In: MARSON, Izabel; NAXARA, Márcia (org). **Sobre a Humilhação: sentimentos, gestos, palavras**. Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 245-261.

MARSON, Izabel; NAXARA, Márcia (org). **Sobre a Humilhação: sentimentos, gestos, palavras**. Uberlândia: EDUFU, 2005. 462 p.

SANTOS, Célia R.; WIELEWICKI, Vera H. G. Literatura de Autoria de Minorias Étnicas e Sexuais. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O. (org). **Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas**. 2ª ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005. p. 285-299.

RECEBIDO EM: 23/05/2019 | APROVADO EM: 29/07/2019